

# O Progresso Catholico

...sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

...ad ea quae sunt priora extendens meliorem  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphum Ecclesiae... in Christo Jesu

ID. 13. 14.

**SUMMARIO:** *Mensagem do clero do arcepresbiterado de Famalicão a S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Arcebispo Primas; Eleições*, por E. I. *Secção Scientifica: O diabo e as suas obras*, pelo Dr. D. Salvador Casañas y Pagés.—*Secção Historica: Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 93.<sup>o</sup>*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—*Secção Illustrada*, por R.—*Secção Necrologica*, por D. P.—*Secção Litteraria: A velhinha e o philantropo da moda*, pelo Visconde de Santa Monica.—*Retrospecto*: por D.—*Secção Administrativa do «Progresso Catholico»*, por S.


**Gravuras:** *Musulmano; Uma arenida.*



MUSULMANO

## Mensagem do clero do arcepresbiterado de Famalicão a S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Arcebispo Primaz.

Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo Primaz.

s abaixo assignados, arcepresbitero e clero do districto ecclesiastico de Villa Nova de Famalicão, tiveram noticia de que em um jornal que se publica em Braga, a proposito da colação do rev. abbade de Avidos, o presbytero Antonio Gomes Ferreira, teem apparecido varios e successivos artigos em que havia sido insultada a dignidade do seu venerando prelado, já negando-se inquestionaveis direitos, já calumniando-se intenções e faltando-se aos mais elementares principios de boa educação, de justiça e reverencia duplicadamente devidas a V. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> pelo elevado cargo que desempenha e pelas eminentes virtudes que todos os homens de bem lhe reconhecem. Julgam pois os infra-assignados do mais rigoroso dever de sacerdotes, subditos dedicados de V. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, não só protestar solemnemente n'esta occasião o entranhado respeito e affecto filial, que consagram ao seu bondoso e nobilissimo Pastor, mas ainda deixar consignada do modo o mais expresso a maguada indignação que lhes causou a ousadia e insensatez, com que se pretendeu, aliás inutilmente, offender e desprestigiar tão distincto, tão douto e tão zeloso Prelado.

E lamentam tanto mais estas immercidas, injustas e falsas accuseções, quando é certo terem ellas por auctor um padre, (elle mesmo declara o seu nome) o qual na sua ordenação prometteu solemnemente reverencia e obediencia ao seu Prelado e successores, e que além d'isso é conego da Sé Primacial e professor do Seminario Diocesano, onde ainda continua a dar aos discipulos o pernicioso exemplo de falta de respeito e de pertinaz rebeldia aos actos da illustrada e digna administração do nosso amado e insigne Arcebispo Primaz, o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Antonio José de Freitas Honorato, que sendo, por disposição providencial, o nosso chefe immediato, é tambem por conquistada bemquerença o guia mais venerado e o centro da união, na fé e na caridade, do clero e fieis d'esta vasta e gloriosa archidiocese primacial.

Villa Nova de Famalicão, 17 de dezembro de 1893.

(Segue-se a assignatura do digno Arcepresbitero e mais cincoenta e sete sacerdotes).

## Eleições

(aos povos de S. Vicente da Beira e mais portuguezes)

**O**nus incomportavel dos impostos, contra o qual se grita ha tanto tempo, e por toda a parte, sobrecitou o povo de S. Vicente da Beira, fazendo-o explodir, n'um desabafo de iras, em sedição armada, queimando os documentos da camara e ameaçando os funcionarios.

Por certo que se não pode com mais tributos.

E' palpavel esta grande verdade; mas os homens dirigentes, anceosos de dinheiro que nunca lhes basta, redobram de anno para anno as contribuições. Levada a lã do povo, arrancam-lhe a pelle, devoram-lhe a carne, deixando-lhe tam somente os ossos nús.

O systema cruel do augmento successivo do imposto, sem que o regule nenhum principio de moral, é exemplo famoso aos desrespeitadores do setimo artigo do decalogo, aos quaes o governo, depois de lhes ter dado lição, manda, por serem bons discipulos, encarcerar na penitenciaria ou exilar para os sertões africanos.

Uma sociedade, assim constituida, não pode subsistir muito tempo; cai necessariamente, fatalmente, ao peso de seus desmandos sem termo. Não podemos deixar de prantear o povo ao vel-o victimado pela mais cruel extorção. Apagam-lhe a luz com que a relição o consolava e lançam-no tyranicamente nas trevas da mais intoleravel fome. Só Satanaz é que pôle engendrar na face da terra este novo inferno, este chôro e ranger de dentes pela pena de *damno*, porque é destruida toda a consolação impedindo-se ao povo o ver a Deus, e pela pena de *sentido*, levando-o á mais inaudita penuria.

Dói-nos a alma em face das miserias de nossos irmãos. Sentimos profundamente o cruel desespero que os incita a tam desastrosos excessos. Todo o peito que soluça nos contrista amargamente; que maior oppressão é pois a nossa ao ver tantas afflicções, e todas ellas com a mais plena, a mais completa justificação. Nós estamos ao lado dos que sofrem, erguendo alto o nosso protesto contra quem se arvora em algôz. Os povos de S. Vicente, romperam n'um excesso porque a intensidade da dôr lhes destruiu a liberdade de proceder. Sem medir o alcance de seus actos, clamaram vingança contra os representantes do poder.

Porém, (digamol-o com franqueza, porque não queremos illudir o povo) não é esse o caminho a seguir. E' de direito desfazerem-se as coisas pelo

mesmo processo porque se fazem. E é n'este caminho que impelliremos o povo com todas as nossas forças, conscio de que tal é a norteação do dever, o rumo por onde se hade conquistar a prosperidade a que se tem um jús indiscutivel.

Depõe a espingarda e o chuço, povo de S. Vicente, povo portuguez. Essas armas só podem ser usadas contra o estrangeiro quando insultar a nossa dignidade nacional.

A arma que podeis manear contra um governo que não cura de vossos legitimos interesses é mui diversa da que empunhaste em um momento de ira.

ESSA ARMA, PORTUGUEZES, É A LISTA, É O VOTO ELEITORAL.

Os deputados approvaram os tributos? Os deputados os aprovem.

Fizeram do povo asémola ignobil; alliviem-no com restituir-lhe a independencia que merece.

Compete aos deputados conquistar para a nação um trabalho honrado, uma abundancia tranquillizadora, uma moralidade em que bem se desinvolvam as forças vitas da nação.

Por este caminho deve o povo attingir uma tributagem racional, que não annulle, mas faça prosperar, os esforços da agricultura, os talentos da industria, os calculos do commercio.

E os deputados dependem do povo... Porque não ha de o povo fazer brotar da urna deputados dignos, que o não roubem, que o não illudam, que o não atraçoem, que o não entreguem ao estrangeiro nem ás garras do fisco, tam despiellosas como as do estrangeiro?

O proximo dia 11 é o dia em que o povo governa.

N'esse dia vai o povo eleger a sua desgraça ou a sua ventura.

Vai regularizar quanto ha de pagar, ou anarchisal-o ainda mais.

Vai providenciar sobre a paz das familias pela suppressão do casamento civil e restabelecimento da auctoridade paterna, ou augmentar a desgregação de seus membros por elevar á summidade de legisladores uns hediondos naturalistas para quem o homem não é mais que o ultimo movimento da materia organica.

Vai outhorgar a dignidade á sua patria, escolhendo mandatarios que zelem com fidelidade seus interesses, patrocinando as Ordens Religiosas, reprimindo os abusos da imprensa, exterminando as sociedades secretas, pondo emfim redea firme a quantos desacatam o pudor, a propriedade, a confiança, a auctoridade e a liberdade, ou soterral-a mais fundo no abysmo, deixando empunhar o mando supremo a uns deputados, uns idolatras miseraveis, que só sabem thurificar em homena-

gem á deusa Vaidade, á deusa Luxuria, á... deusa Barriga.

Povo! queres a tua sorte melhorada o teu porvir mais tranquillo, restaurada a tua honra, de sorte que se veja ainda incerto

qual é mais excellente se ser do mundo rei, se de tal gente?

Pois escolhe representantes da nação que sejam como ella; representantes dignos, honestos, integros; representantes a quem entregariéis a vossa fazenda, a vossa honra, as vossas filhas, as vossas almas; representantes que temam a Deus e se não envergonhem com uma cobardia nojenta de o confessarem em pleno parlamento.

Portugal ainda tem homens d'estes; elegei d'estes; que sejam protectores e não exploradores.

Pouco importa sejam ou não letrados; o que devem de ser é homens de bem, intransigentes com o peculato e a concussão onde quer que estes delictos se encontrem, perseguidores do despotismo venha d'onde vier, mantenedores da liberdade boa em todas as instituições e em todos os individuos. Procurai gente assim e vereis de repente mudar em alvorada a treva—hora dos assassinos e dos ladrões—em que ha tanto anda envolto este desditoso Portugal.

Não revolucioneis pois. Vede que sacrificais inutilmente as vossas vidas, as vidas dos vossos filhos, o amparo de vossas esposas, a paz de vossas lares. Não revolucioneis. Aquelle contra quem vos insurgis é mais forte, muito mais forte que vós. Tem a seu dispor as tropas que lhe forneceis e o dinheiro que vos arrebatá. Mesmo a rir, cinge-vos de sabres e bayonetas, dizimavos cruamente, e igual ou maior miseria continúa a tornar vos a vida intoleravel.

Para estes males todos ha um só remedio—a URNA. Uni-vos em torno d'ella, e alli, no exercicio do poder que a lei vos concede, pugnai a valer por vossos justissimos direitos (1).

E. I.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### O diabo e as suas obras

MUITO importa conheçam os christãos a intervenção dos máos espiritos nos negocios d'este mun-

(1) Devéras lamentamos não esteja assás constituída a união catholica. Era de certo a hora de entrar em combate dirigindo o povo á conquista de suas indiscutíveis regalias. Perdôe Deus a quem podia e devia ser mais diligente e o não foi.

N. da R.

do, o que se colligirá dos Exorcismos n'este intuito publicados por ordem do nosso Sanctissimo Padre Leão XIII, para combater o diabo, já quasi dominador de toda a terra. Com o maior interesse supplicamos toda a attenção para os ensinamentos derivados dos Exorcismos, sobremodo significativos, cuja importancia sobresai em presença dos malafortunados tempos em que vivemos.

Não ignoramos que o mundo e os seus admiradores hão de achar ensejo de menosprezar esta serie de arguimentos, porque em sua estúpida ignorancia presumem de não crer em demonios nem em coisas do outro mundo.

Não importa.

Não vos acobardeis perante o risotruanescos d'esses taes, instrumentos inconscientes nas garras de Satanaz; abraçai animosos o escudo da fé, vos diremos com o Apostolo S. Pedro, e resisti ao diabo que, furioso voltéa em torno de vós, procurando a quem devora (1).

Precisamente por que os adoradores do mundo motejam do dogma catholico, que estabelece a existencia dos espiritos máos e sua intervenção nas coisas do mundo, é que nos sentimos impellido a cooperar nos designios do Supremo Mestre e Pastor, quando incita os prelados a que façamos uso do poder que Jesus Christo confiou á sua Igreja, o poder de conjurar a Satanaz e aos anjos máos; pois é fóra de toda a duvida que quanto menos se cré em algum dos dogmas de nossa sancta fé, tanto mais urge a necessidade de inculcal o aos fieis, especialmente em negocio como este para nós do maximo interesse. Quanto menos se cré na existencia dos demonios, mais Satanaz se assenhoréa dos homens, e maior é commummente a sua ingerencia na marcha dos acontecimentos humanos. salva sempre a amorosa e omnipotente providencia de Deus, que o contem e refréa, para que não possa chegar até onde o impelle seu odio a Deus e aos homens, segundo as palavras de Sancto Agostinho: *O diabo pôde até certo ponto; mas não pôde prejudicar quanto quer por estar seu poder subordinado e limitado por outro poder, o poder de Deus (2).*

Ao zelosissimo Pastor Supremo, cujo superior talento, illuminado pelo fulgor de divinas illustrações, é o assombro dos povos pela adequada solução que sabe dar aos grandes problemas que, nas diversas ordens em que se exerce

a actividade humana, preocupam os homens pensadores, não aprouve passar por alto n'este dogma catholico, desdenhado pela moderna sciencia como um fanatismo proprio de entendimentos sujeitos a erradas apprehensões.

Para logo nos chamou a attenção que o Papa Leão XIII, pouco depois que determinou, por Decreto da S. Congregação dos Ritos, de 6 de janeiro de 1884, se resassem para allivio dos males, que affligem a Igreja e a sociedade, umas preces no final de todas as missas, emittisse outro documento, em agosto de 1886, tendente a implorar o patrocinio do Archanjo S. Miguel, para que nos defenda na batalha que nos apresentam as potestades infernaes, e como principe da milicia celeste e pela divina virtude que lhe ha sido dada, confunda e precipite nos abysmos a Satanaz e demais espiritos immundos, que na terra vagueam para perdição das almas. Advertis como n'esta oração, resada em commum em todo o orbe catholico pelo sacerdote e fieis, resplandece não só a crença da Igreja na existencia dos espiritos infernaes, mas ainda a solieitude do Pontifice em reprimir os por valimento dos celestiaes espiritos?

Algum tempo depois o amado Pontifice mandou publicar uns notabilissimos Exorcismos contra Satanaz e os anjos apóstatas, nos quaes se dirige uma fervorosa prece a S. Miguel Archanjo, para que á similhaça de como no principio se levantou contra Lucifer e seus anjos apóstatas, sendo estes expulsados do céu, venha hoje, acompanhado da Milicia dos sanctos Anjos, defender os homens no terrivel combate em que os ferem Satanaz e os outros espiritos infernaes. E' de ver como alli se apresenta ao tentador transfigurado em anjo de luz, cercando e invadindo toda a terra, ladeado da horrivel e desenfreada multidão dos espiritos malignos, para destruir, se possivel fóra, o nome de Deus e de seu Unigenito Filho Jesus Christo. E' alli de notar a sanha com que o iniquissimo intenta sacrificar e perder eternamente as almas destinadas á gloriosa bemaventurança, inoculando nos homens de summa maldade a peçonha de sua infernal corrupção, para que a Esposa do Cordeiro immaculado esgote até ás fezes o calix da amargura. Alli é de ver tambem como o diabo apparece estabelecendo o throno da iniquidade e do erro no mesmo ponto em que Deus collocou a cadeira da verdade para illuminar a todas as nações, terminando tam fervente oração com a supplica ao Principe da Milicia celeste, para que, como padroeiro e defensor da Igreja, se levante contra as potestades nefan-

(1) I. Petr. V. 8.

(2) Diabolo potestas quædam est, plerumque tamen vult nocere et non potest quia potestas ista sub potestate est. S. Aug. in psalm. LXI, vers. ult.

das da terra e do inferno, e derribe e faça em pedaços o nosso orgulhoso inimigo, lançando-o algemado ao fundo do abysmo.

Não pára no emtanto aqui o infallivel Mestre e Pastor supremo. Depois de invocar o poderoso auxilio de Deus contra Satanaz e demais espiritos infernaes pelos meritos de Jesus Christo e intercessão da Sanctissima Virgem, Anjos e Sanctos do céu, com toda a auctoridade e poder outhorgado á Egreja por seu divino Fundador, com expressão viva e energica, reveladora de toda a efficacia d'um zélo divinamente inspirado, conjura a Satanaz e todas as suas infernaes legiões, intimando-as em nome e com o imperio de Deus a que cessem na obra malvada de perseguir a Egreja e de enganar e seduzir os homens para perdel-os eternamente.

Claramente se pôde por conseguinte ver como o nosso Sanctissimo Padre consigna nos referidos escriptos as principaes verdades da fé, que a Egreja constantemente ensina ácerca da existencia dos Anjos bons e máos, ácerca da intervenção de uns e outros nos negocios do mundo, ácerca do poder da Egreja contra Satanaz e os anjos rebeldes, e a efficacia da oração contra as seducções e assaltos do infernal inimigo, especialmente quando invocamos o poderoso auxilio de Deus pela intercessão da Sanctissima Virgem e dos sanctos Anjos.

A isto attentam pois estas palavras, e ao tractar tam importantes verdades de nossa sancta Religião, exporemos documentos saudaveis para que se saiba como cada um deve livrar-se dos ataques dos infernaes adversarios, saindo d'elles vencedor. E como esta materia da intervenção do demonio nos negocios do mundo é mui delicada e difficil, e se acha, de mais d'isso, enlaçada com muitos dos phenomenos conhecidos em nosso seculo pelos nomes de *mesmerismo*, *spiritismo* e *hypnotismo*, que guardam perfeita analogia e consonancia com os que a Theologia e o Direito Canonico chamam phenomenos de magia, é nosso proposito determo-nos tambem no exame d'esses phenomenos, que prendem a attenção dos sabios e dos ignorantes, tractando assim, como de passagem, do character dos mesmos, de suas causas, effeitos e analogias.

(Continúa)

Dr. D. Salvador Casañas y Pagés.

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado do n.º antecedente)

OS.º

CCII

#### P. Estevão Binet

Como este jesuita é um dos *contemporados* por Pascal nas suas *Cartas Provincias*, e este famoso jansenista não atacou senão os mais celebrados nas escolhas, eis a rasão porque o devemos mencionar n'esta Galeria, dando d'elle uma breve noticia.

Estevão Binet nasceu em Dijon (França), no anno de 1569, de paes piedosos e honestos. Entrou na Companhia de Jesus, na idade de 21 annos, exercendo o cargo de reitor nos collegios de Rouen, Paris, Provençe, Carpegne e Lyon, por mais de quarenta annos.

Morreu em Paris a 4 de julho de 1639, publicando muitas obras em francez e latim. A maior parte d'ellas versam sobre vidas de santos e livros de devoção. Escreveu tambem uma obra notavel e muito estimada, intitulada *Ensaio sobre as maravilhas da natureza*.

O jesuita Estevão Binet foi um verdadeiro religioso, muito observante da regra do seu instituto, dotado d'um genio affavel, de costumes purissimos de piedade: a sua alma era inteiramente cheia do amor de Deus e do proximo; e é por isso que especialmente se applicou a escrever obras espirituaes.

Os inimigos da Companhia de Jesus, e entre elles Pascal, invectivaram contra o P. Binet. E' escusado, porém, aqui demonstrar a má fé de semelhantes accusadores, sabendo-se o que valem as *Provincias* e o fim com que foi escripta esta obra.

Não pretendemos defender todas as opiniões d'este jesuita, as quaes são sustentadas por outros muitos estranhos á Companhia, e algumas eram communs no seu tempo.

E' certo que, apesar de tantos clamores contra elle, nunca a Egreja censurou os seus escriptos.

CCIII

#### P. Francisco Remond

Como o antecedente, este jesuita teve por patria a cidade de Dijon, e era filho d'um conselheiro no parlamento de Borgonha; nasceu em 1558, e na idade de 22 annos professou na Com-

panhia de Jesus, na capital do mundo catholico.

N'esta cidade ensinou philosophia, e depois theologia em Parma e Padua, e finalmente em Bordeus, por espaço de vinte annos. Regressando á Italia, ensinou lettras sagradas em Mantua, e o duque o encarregou de inspecção os estudos da Universidade d'esta cidade, de pouco tempo alli fundada.

Na occasião que o exercito allemão assediou a cidade de Mantua, na guerra com a França, o P. Remond mostrou o seu zelo e caridade, prestando os soccorros espirituaes aos soldados; contrahiu n'este serviço uma pertinaz molestia que o levou ao tumulo a 14 de novembro de 1631.

Este sabio jesuita distinguio-se na poesia: quasi todas as suas obras são d'este genero de litteratura. O Abbade Marolles, juiz competentissimo, chama ao P. Remond o *Ovidio christão*.

(Continúa)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### Leão X

(Vid. p. 15)

Um erudito collaborador nosso, escrevia ha pouco no excellente diario catholico *A Palavra*: «Recordarei que n'este dia (3 de janeiro) Leão X excummungou Luthero, pae do protestantismo e de todas as seitas modernas.»

As palavras do nosso digno collaborador suscitaram-nos a idéa de expor a gravura do grande pontifice a par d'uns ligeiros traços da sua importante biographia.

Entrou um dia alguém, sem annunciar-se, nos aposentos de Lourenço de Medicis, e viu-o a levar graciosamente ás cavalleiras uma risonha creança. Aquella inconveniente testemunha, surprehendendo n'esse brinquedo ao senhor de Florença, não reprimiu o espanto. Lourenço observou-lhe então: «Sr., guarde segredo do que viu até que seja pae.»

Esta creança era o futuro Papa Leão X, que imperou n'uma das epochas mais brilhantes do pontificado romano. Nascido em 1475, n'uma córte onde as sciencias e as artes florescia, teve doutissimos mestres, como Chalcondyle, Dovisi, Angelo Policiano, Marcilio Ficino e Pico de Mirandola. Com sua familia, exilado por Carlos VIII, viajou pela Europa, mas ao fim do exilio, regressando á patria, foi nomeado pelo Papa Julio II para o governo de Perugia. Prisioneiro dos fran-

cezes na batalha de Ravenna, obteve a liberdade em consequencia dos repetidos desastres de Luiz XII.

A' morte de Julio II foi eleito pontifice. Sendo ainda diacono, houve que tomar a sagrada ordem de presbytero em 15 de março de 1513 para ser coroado em 19.

Sustentou a Sancta Liga formada por Julio II, e abriu a decima sexta sessão do concilio de Latrão, que aniquilou as pretensões do conciliabulo de Pisa, procedendo Leão X com os cardiaes Carvajal e Sancto Severino com tam admiravel dignidade, que era este facto bastante para o immortalizar.

Mereceram os melhores cuidados do grande pontifice, a extirpação dos abusos, a pacificação da christandade, destruição do scisma, restabelecimento da disciplina ecclesiastica.

«O campo de Deus, dizia Leão X, precisa ser todo revolvido para dar novos fructos.» N'esse intuito, em face do corrente das pagãs idéas da Renascença, manifestadas principalmente na litteratura e nas artes, cujas funestas consequencias foram, em parte, as doutrinas dissolventes do seculo XVIII, o Pontifice esforçou-se em ministrar ás almas um alimento mais vital, que as fortalecesse contra as seducções dos sentidos. «E' preciso, dizia, que a juventude christã não ignore que foi creada por Deus para o amar e servir; pratique a lei de Jesus Christo; cante no templo os hymnos sagrados; psalmodie os psalmos do rei-propheta; leia a historia dos heroes christãos, dos martyres e dos anachoretas.»

Os graves perigos da Renascença para que Leão X já preparava correctivo, claramente foram, poucos annos depois, previstos pelo douto Jesuita, grande litterato e habil diplomata, Padre Antonio Possevino, quando escrevia: «Da questão do ensino pagão ou christão pende a salvação do mundo. Pois que vale, pergunto-vos, lançar n'um tonel um copo de vinho precioso a par de muitos almudes de vinagre ou vinho adulterado? Que aproveita uma pagina de catecismo por semana com o demais ensino quotidiano repleto de impurezas e impiedades pagãs?»

Desejoso de addicionar à pacificação dos estados christãos a continuação da Basilica de S. Pedro, publicou em 1516 uma indulgencia baseada nas esmolas destinadas áquella grande obra, o que foi ensejo ao primeiro passo da revolta de Luthero, cioso (com os da sua ordem, segundo alguns) de ver os dominicanos incumbidos da prégação d'esta indulgencia.

Assistiu pois Leão X aos primeiros desenvolvimentos d'essa fatal rebelião que apartara da Igreja as nações do Norte, lançando ao mesmo tempo o

germen ao liberalismo contemporaneo, verdadeiro açoite do mundo nos tres ultimos seculos.

A par d'este mal, já de si gravissimo, surgiu na Europa a concorrência de Francisco I e Carlos V ao throno imperial d'Allemanha. A principio inclinára-se o Pontifice para o rei de França, que ousou repellir seus auxilios! Praticou então a Carlos V, vindo a fallecer quando viu que o exercito d'este se coroára de triumpho.

Apenas oito annos durára o seu pontificado: tal renome obteve porém que ficou marcando o seu seculo. Leão X enriqueceu notavelmente a universidade da *Sapienza* obtendo-lhe a peso d'ouro rarissimos manuscritos; fundou muitas bibliothecas; foi incançavel na investigação de preciosidades antigas e fundação de escolhas; fez dos estados da Igreja a academia dos mais distinctos sabios e mais talentosos artistas. Em torno da gloria de Leão X vemos fulgir a de Ariosto, Guichiardini, Paulo Jove, Berni, Bibbieme, Sannazar, Vida, Sadolet, Bembo, Miguel Angelo, Raphael, Julio Romano, Leonardo de Vinci, Ticiano, André del Sarto, Corregio, etc., etc.

Leão X era piedoso, zeloso e exemplar. Quando, joven ainda, partiu para Roma, entre os doutos conselhos recebidos de seu pae, um havia que jamais esqueceu—o de ter mesa frugal e levantar-se cedo. Nas doenças era paciente e distrahia as dores ao som do alaúde que elle mesmo tocava. A diminuir suas virtudes ha quem aponte o não lutar mais afouto contra a renascença pagã. A educação que levava na corte de Florença afeiçãoara o demasiado á belleza da forma, desviando-o do que lhe cumpria fazer, que era, como S. Pio V, obrigar o paganismo ao engrandecimento do ideal christão, sujeitar perennemente o bello natural ao bello moral. Se mais firme trilhara esta vereda, seria sem sombras o reinado d'este grande Pontifice.

### Simoum

(Vid. p. 19)

E' o *simoum* um dos peiores açoites dos desertos africanos. O Sahará principalmente, esse grande mar de areia que Julio Verne ideara convertido em mediterraneo, é frequentemente revolucionado até ás entranhas por esse vento abrazador e pestilencial (do arabe *scmm*, envenenar), que em sua passagem devastadora junca de cadaveres o solo equatorial.

Ouçamos um viajante illustre, Jacques Arago, irmão do notavel astronomo geralmente conhecido pelo seu formoso

livro *Astronomie populaire*, e membro d'uma familia de sabios (1).

«Um vento fresco do norte, diz o celebre navegante, esfriava a atmospheria. Viamo'-nos obrigados a abrigar-nos debaixo da roupa e aspiravamos, por todos os poros, essa primeira saudação d'uma temperatura que nos annunciava a proximidade das praias mediterraneas.

«Uns aos outros davam-se o parabem d'uma viagem feliz; a conversação tornou-se mais activa, os canticos mais animados, em tanto que os chefes da caravana conversavam em voz baixa, olhando a miude para o céu, como a prescrutar-lhe os mysterios.

«Os passaros perpassavam sobre nossas cabeças com incrivel rapidez, soltando gritos de espanto e tomando a mesma direcção, como apressando-se em fugir a um perigo imminente.

«As estrelas, comtudo, não despediam menos brilho; o céu não tinha signal de nuvens; a lua, em minguan-te, descia ao longe involta n'um vapor diaphano, em tanto que a viração odorifera nos afagava suavemente os cabellos.

«Não nos deixemos porém illudir: este silencio é o do reptil, interrompido pelo gemer da victima; é a mudez das ondas que sobem até ás nuvens soerguidas por uma força invisivel.

«O dia nasce.

«Tudo está mudado entre nós e em roda de nós. Cavallos e dromedarios voltam-se para oeste e levantam as patas como abrasadas por um fogo subterraneo.

«*Simoum! simoum!*

«Este mortal dissyllabo exprime terror e desalento.

«Diz: *Eis o vento do deserto!*

•Em guarda, pois!

«O sol eleva-se, sobe, prolonga-se e parece suspender-se.

«E' um disco immenso, que podeis olhar fixamente sem que vos deslumbre. A sua massa é vermelha e zebra-da por traços descoloridos, eguaes a esses relampagos brancos e rapidos, que atravessam a atmospheria quando limpida e pura.

«Em volta d'elle desenham-se, regu-

(1) Jacques Arago e seus tres irmãos—Domingos Francisco Arago, o grande mathematico; João Arago, general no Mexico, Estevam Arago, grande litterato, que desde 1824 a 1844 deu mais de 100 peças ao theatro francez, mas de doutrinas radicalmente revolucionarias e sectarias do carvonarismo; e Victor Manuel Arago, filho de Domingos Arago, advogado, poeta, diplomata e membro da defesa nacional depois de Sedan; e ainda seu irmão Alfredo Arago, pintor distincto, cujos quadros mais notaveis são *Recreação de Luiz XI*, *Carlos V no convento*, *Abraão*, *o Cego* etc.

lares e divididas, zonas pallidas, azues, violetas, e por baixo, ardentes como fornalhas, vedes cristas aguçadas, fendidas, fantasticas, nadando n'um oceano de fogo, em que parece quererem abysmar-se.

«Estas ameaçadoras desigualdades são massas vesiculares que em seus flancos tenebrosos represam o furacão, prestes a desencadear-se...

«O grande astro encobre-se; o horizonte aperta-se; o céu abrasa-se; a terra estremece; a avalanche chega rapida como o aerolitho: cái, invade, arrebatada, em suas aspirações, as collinas e as arvores, que amonloa em seu perpassar de gigante.

«Enche os valles; muda a superficie do solo que varre; fustiga, cava, revolve; torna-se dominadora, imperiosa, déspota... tudo dobra, tudo inclina, a nada perdôa, e ri-se das lagrimas de terror e do desespero da agonia.

«Como indomita e soberana, o que lhe convem é a immensidade, são ruinas e cadaveres para devorar, é o luto, as trevas, o cahos!

«A sua voz é um silvo, um brado sinistro; o seu halito, um cheiro sulfureo que soffoca. Não podeis encarar o de frente, ajoelhais-vos para lhe dar menos corpo. Tomai cuidado, ou a areia amontuada vai servir-vos de mortalha.

«Os camellos o conhecem por instincto; por isso aligeiram se para não serem engulidos vivos... apertam se uns contra os outros... sobem, caminham sempre... estavam n'um valle, eil-os n'um monte, d'onde descem impellidos por um vento furioso, o vento do deserto.

«Onde estão as barracas? as provisões? os corceis?

«Onde os homens corajosos que se animaram a pisar as areias do deserto?

«Procurai, que alguns achareis, mas em que estado? moidos, espedaçados, exaustos, sem energia, sem esperança, por que o *simoum* devastador ainda não acalmou as furias destruidoras!

«E' dia? será noite?

«E' impossivel saber-se. Os olhos estão fechados; a areia os queimaria.

«E comtudo o saibro que redemoinha, cái, eleva-se, serpentéa e torna a cair, aguardando a immobilidade a que o céu o condemnou.

«Que vos importa fazer no meio do desastre? Entregar-vos á discricção, esperar, orar!

O tufão, perpassando lá na altura, abre com braço herculeo sepultura a quanto vida tem na terra ou mar... Só, mais alto do que elle, independente, nos espaços da luz calma e fulgente, o ibis, descuidoso, anda a pairar.

## A contemplar a paizagem

(Vid. p. 22)

Ao formoso romancinho que hoje começa a publicar-se no *Progresso Catholico*, pertence a gravura da pag. 22. As primeiras paginas do volume referem-se ao assumpto da gravura.

### Avenida

(Vid. pag. 31)

Eram outr'ora as melhores cidades cingidas por grossas muralhas, pespontadas de redutos, com pontes levadissimas, que davam ingresso em meia desena de tantos sitios determinados. Sendo a guerra a quasi continua proflusão dos povos, importava estar-se de continuo preparado para repellar as frequentes aggressões do inimigo. Estabelecendo as muralhas um circulo impossivel de ultrapassar-se, quando a população crescia estreitavam-se as ruas e os edificios subiam até ás nuvens. Ainda hoje quem percorre as povoações de Elvas, Almeida ou Valença, e examina os bairros menos reformados das varias cidades do reino, em contra famosos modelos do que eram as cidades nos seculos passados. Cada rua é um corredor acanhado e tortuoso, onde o ar chegava difficilmente e jamais entravam os raios alegres e salutares do astro do dia.

As alterações da arte da guerra, a par do progredir das cidades, espedaçaram o violento anel de granito que asphixiava as habitações, e as ruas estreitas baniram-se, as curvas agora inuteis desapareceram, as praças dilataram-se, o arvoredo habilmente cultivado obteve foros de cidade, amenizando avenidas bem lançadas, como a representada na gravura da pag. 22.

R.

## SECÇÃO NECROLOGICA



**P**EDIMOS as orações dos nossos leitores por alma de Caetano Luiz da Silva, de Vianna do Castello; pela da virtuosa Mãe do nosso assignante da Murtosa, João Antonio Pereira; e do R.º Padre Antonio Gonçalves Chaves, de Alvito—Barcellos.

Cedo lhes conceda o Deus das mise-

ricordias a participação em sua gloria e recebam as familias enluctadas nosso sincero pesame.

D. P.

### AGRADECIMENTO

O redactor do «*Progresso Catholico*» agradece immensamente penhorado os cumprimentos e orações de muitos leitores, por alma de sua extincta Mãe, bem como as Missas que muitos generosos sacerdotes se dignaram celebrar.

## SECÇÃO LITTERARIA

### A velhinha e o philantropo da moda

A' porta dos ceos, um dia,  
Humildemente batia  
Pobre velha esfarrapada,  
E quasi toda chagada.

Bateu muito devagar;  
E não cangou d'esperar.

Eis que chega um figurão.  
Bate, bate com a mão  
E até

Começa a bater com o pé.

Abriu-se a porta afinal,  
E logo o tal cidadão  
Meter-se lá dentro quiz.

— Tenha mão!

Pedro lhe diz:

Diga lá o bem e o mal,  
Que na outra vida fez.

— O que eu fiz na outra vida?—

Não foi ella tão comprida—

O que havia de eu fazer?

Emprestei a cinco... ao mez,

A menos, e até a tres,

Segundo a fome apertava,

Que ás vezes, a bem dizer,

Pouco ou nada se ganhava.

Juntei somas fabulosas,

Que não pude aqui trazer;

Em testamento as deixei

Santamente esfarrapadas:

Em mil obras caridosas,

Em hospitaes que dotei,

Em missas, por mim rezadas;

Por isso estou espantado

De ter tanto aqui esprado,

Ao pé d'esta desgraçada,

Que de certo deixou... nada.

— Isso agora é que é verdade,

Disse a velha, não deixei

Nem a casa em que morei,

Que era minha, mas que ha de

Em cinzas de certo estar.

Nem fiz nada em minha vida

— E foi ella bem comprida—

Que valha a pena contar.



O que fiz foi trabalhar,  
A fiar,  
Ou com o sachó na mão,  
Para ganhar o meu pão.  
E se algum me sobejava,  
Porque eu muito não comia,  
Tambem com vontade o dava  
A quem com fome o pedia.

Era ali tudo folgar  
Sem o mais leve cuidado,  
E eu, em casa, a rezar...  
Mas olhando para o ceu,  
O que havia de ver eu?  
Sabe muito quem é velho:  
Vi no ceu, como um espelho,  
Uma nuvem, mas das taes,

Não podendo a porta abrir,  
E, ainda a custo, sahir,  
Por ficar sempre fechada  
Por fóra a minha morada,  
Tentei abrir a janela.  
Mas não pude; estava ella  
Como se fosse pregada  
Com a humidade gelada.



UMA AVENIDA

Quando já, quasi entrevada,  
Não podia  
Ganhar nada,  
Da caridade vivia  
N'uma villa, situada  
A' beira d'um grande lago.  
E Deus terá dado o pago,  
Cá no ceu,  
Ao bemfeitor que me deu  
A casinha em que assistia.

Hontem, por domingo ser,  
E que lindo estava o dia!  
Toda a gente, a bem dizer,  
Correu ao lago gelado;

Que são seguro signal  
D'um tremendo vendaval.

«Senhor, que nos ceos reinaes!  
—Bradei eu—Jesus clemente!  
Salvae esta pobre gente  
Que não vê o p'riego seu.  
Não lhe posso acudir eu!»  
D'aqui a nada a tormenta  
Aparece, e lhes rebenta  
Debaixo dos pés o gelo.  
E eu, que assim pude prevel-o  
Não posso senão chorar,  
Sem ter como os avisar.»

Então um vidro quebrei  
E gritei, oh se gritei!  
Para que? Ninguém me ouvia,  
E a nuvem que crescia,  
E eu perdida d'aillicção;  
Mas Deus m'inspirou então  
O que havia de fazer:

Deitei fogo á minha cama,  
Que começou logo a arder.  
Em breve já sae a chamma  
Pelo colmo incendiado,  
Para um cantinho afastado  
Me arrastei longe do fogo,

Mas elle colheu-me logo  
E nas roupas me pegou.

Entretanto a multidão,  
Que vê arderem-me as casas,  
Logo o folgado largou,  
E, nem que tivessem azas,  
Todos elles quantos são  
Em volta da casa estão:  
Todos me querem salvar.  
Têm a porta de arrombar,  
Levam-me em braços lá fóra,  
Com os trapos todos a arder.  
Ainda durei uma hora!  
Distante para saber  
Que com medonho estampido  
Todo o gelo espedaçara  
O terrível furacão;  
Mas nem um só se afogara!  
Nem um só tinha soffrido!  
E pude morrer então  
Dando graças ao Senhor,  
Que assim fora o salvador  
De tanta gente de bem,  
Como aquella villa tem.

Contei, tim, tim, por tim tim,  
—Disse a velha ao pescador—  
Minha vida até o fim;  
E se vim

A esta porta bater.  
Foi por sempre ouvir dizer,  
Foi por sempre acreditar  
Que quem não fizer o mal,  
Nem nunca o mal desejar,  
Se cumprir com o seu dever  
Como o podia cumprir,

A final  
O ha de aqui encontrar  
Desejoso de lhe abrir...  
Eu bem sei que o não meçoço,  
Mas por Jesus Christo peço  
Não me mande d'aqui ir!

—Mas você estava idiota!  
—Brada então o agiota—  
Aposto eu que nem tinha  
No seguro a tal casinha?  
Por isso é que ha desgraçados:  
São sempre uns desmazelados  
Com o poucoquinho que tem!...  
E mettem-se a fazer bem  
Aos demais...  
Depois é que são os ais;  
Mas nunca juntam vintem.»

S. Pedro não disse nada  
A'quella brutalidade;  
Tinha os olhos arrazados  
Do pranto da caridade.  
Dirigiu-se á desgraçada,  
Beijou-lhe os trapos queimados,  
Com respeito a abraçou.

Transformada,  
Como por arte de fada,  
Eis que a velhinha ficou  
Uma celeste figura,  
Em que toda a formosura  
Da sua alma transluzia.

Melodia  
Sem igual então se ouviu,  
E sabiu  
Para busca a,  
Cantando com verdes palmas,  
Toda a ala  
D'aquellas bemditas almas,  
Que viveram  
E soffreram,  
Só pensando em bem fazer.

Quando ia a desapar'cer,  
Uma palha que escapara,  
Que fóra do enxergão,  
E no fato se pegara.  
Foi voando até o chão.  
Eis se ergeu com um trovão,  
Columna d'ouro tornada,  
Com os mais finos labores  
De ricas joias ornada,  
E, ao som dos puros louvores  
Dos anjos todos de Deus,  
Ali ficou, aprumada,  
Junto ás demais que ornamentam  
E sustentam  
As abobadas dos ceos!

Vendo então o agiota  
Que a pobre velha, idiota,  
(Como elle a classificou),  
O ceo, assim, alcançou;  
Que festa devia haver,  
(Lá com os seus botões pensou).  
Para um homem receber,  
Que tanta esmola deixou?!

Que triumpho se prepara!

Mas o porteiro, rosnando,  
Nunca mais com elle encara;  
E, dentro dos ceus entrando,  
Deu lhe... com a porta na cara.

*Visconde de Santa Monica.*

## RETROSPECTO

*Honrosa recepção das Irmãs da Missão em Villa do Conde e Vairão.*—Transcrevemos da *Palavra* a seguinte boa noticia:

E' bem certo que as paixões passam; a verdade permanece.

Acabamos de presenciar um facto consolador que o demonstra.

No dia 3 d'este janeiro ás 2 horas e 50 minutos da tarde entrei na estação da Boa-Vista Porto, para uma carruagem de 1.<sup>a</sup> com bilhete para Villa do Conde e deparei n'ella com seis senhoras vestidas d'uniforme para mim novo, mas nada repugnante, creio eu, mesmo aos olhos que se revêem na elegancia.

Pela minha parte como sacerdote me fui entretendo em orar, bem ou mal, por mim e pelo povo christão—um dos meus deveres—sem que ninguém dos que alli tomaram logar me

extranhasse o expediente: o que para mim não é já nada novo.

Surprehendeu-me, porém, a consideração que todos dispensaram ás seis religiosas Irmãs da Missão.

Foi tanta que ellas, como por esse mundo além se uza, pegaram cada qual no seu devocionario com equal jus e maior proveito que outras, para darem-se importancia, pegam no seu romance, e foram em santa paz, como se estivessem nas cellas do seu asce-terio.

Chegados á estação de Villa do Conde, achamos esta apinhada de gente de todas as classes sociaes, mas muito particularmente das mais cultas e entre estas a auctoridade administrativa que recebeu com jubilo as suas hospedes e as cobriram de flôres já na saída do comboio e as acompanharam ao convento de Santa Clara, onde entraram, primeiro no templo a visitar o Santissimo e depois na portaria a saudar as meninas de côro que as receberam com provas de grande consideração e carinho, semeando flôres em todo aquelle recinto para que servissem de tapete ás piedosas visitantes.

Desde alli se dirigiram a casa de D. Maria Flôres Maia que teve a honrosa generosidade de as hospedar aquella noite.

Até alli as acompanharam todas as pessoas que na estação as esperavam e das portas, janelas e sacadas meninas e piedosas mulheres lançavam flôres sobre as humildes religiosas e entusiasmada multidão que as acompanhava.

No dia seguinte pelas 10 horas da manhã apprehendiam a sua jornada para Vairão as seis religiosas e a villa estava toda em movimento, dando as mesmas provas d'enthusiasmo que na vespera, apezar de ser o dia mais frio do inverno que nos vae mimoseando regularmente com grandes frios, geadas e vento norte.

Presidia ao acompanhamento o benemerito e venerando prelado de Macau, a quem se deve a vinda a estas paragens das Irmãs da Missão que se destinam n'esta sua nova residencia a preparar pessoal do seu sexo que no futuro vá levar ás pobres indigenas d'aquella vastissima diocese, ainda não civilizadas, fé e illustração para que venham dar mais tarde gloria ao Deus verdadeiro, á nossa religião e á nossa patria.

A auctoridade administrativa com os amigos que mais a poderiam honrar, o novo procurador das Irmãs da Missão, uns doze sacerdotes, muitas senhoras e as jovens mais elegantes se puzeram a caminho de Vairão n'um dia frigidissimo porque a fé catholica e a piedade christã os aqueciam.



Não foi mais gente por que não havia na villa mais que doze carruagens que se puzeram a caminho.

Por toda a estrada além as Irmãs e as pessoas que iam no seu acompanhamento foram recebidas com provas de agrado, satisfação e carinho. Eram ellas saudadas com vivas e flôres, de licada maneira com que manifestava aquelle povo a alegria que lhe ia na alma, vendo resuscitar á vida o monumento historico mais notavel d'aquelles frondosos valles e que temeram ver em breve convertido n'um montão d'escombros, como succedera a muitos outros n'estes ultimos tempos, para ignominia de uns, desgraça de outros e proveito de ninguem.

Chegamos por fim ao grande e magestoso pateo da entrada principal do convento das Benedictinas de Vairão e lá no fundo estava aberta a portaria e a cada lado da porta da banda de dentro duas meninas de côro das antigas freiras com o seu formoso habito, radiantes d'alegria por verem chegar as que vinham restituir o esplendor da vida ao magestoso moribundo.

Dizemos moribundo porque o zelo a piedade e a verdadeira abnegação evangelica d'essas duas donzellas conservou alli o culto, as tradições e mais que tudo a immundade, a limpeza e a austera brilhante da casa desde o dia já remoto da morte da ultima abbadesa até ao presente.

Rara vez teem occasião, pobres creaturas, de fazer coisas tão grandes para a gloria de Deus e bem da Igreja.

N'esse dia, 4 de janeiro, mostraram bem claro qual o fim que alli as tinha conservado, todo nobre e nada egoista.

Uma d'ellas apresentou em salva de prata as chaves do convento, nitidamente limpas, ao administrador de Villa do Conde que delicadamente pegou n'ellas e em nome do Ministro do Reino de Sua Magestade Fidelissima entregou ao Sr. Velloso, devidamente auctorisado para pegar n'ellas como syndico da nova congregação.

Lavrou-se um auto d'esta entrega que foi assignado por muitas e mui distinctas testemunhas.

Terminada a assignatura dirigiu-se ao templo o distinctissimo bispo de Macau, as religiosas, o clero, a nobre e generosa auctoridade local que se houve em tudo por maneira delicadissima e todo o illustrado acompanhamento onde, exposto á porta do sacrario o SS. Sacramento, com as ceremonias da liturgia catholica e ao som do órgão suave e magistralmente tangido por uma das meninas do côro benedictino. se entoou ao altar pelo prestes o *Te Deum laudamus*, etc., que continuaram cantando alternadamente acompanhados pelo órgão o clero no presbyterio e as

meninas no côro, terminando com a benção do Santissimo.

Desde o templo se dirigiu toda a comitiva ao lindo refeitorio das antigas freiras e alli se leu pelo seu auctor a adjunta simplicissima poesia que não enfastiou a ninguem. Apoz ella coroou a festa um concizo, maduro, substancial e eloquente discurso do distinctissimo dr. e laureado academico, Abel Pereira d'Andrade que nos captivou com as suas aprimoradas maneiras, escolhida phrase e pensamento profundo.

Depois de dadas as palmas que de justiça se deviam ao orador se levantou um viva ao venerando prelado de Macau, presidente d'aquelle ajuntamento, iniciador zeloso d'aquelle beneficio social e patriotico, cujo viva foi por todos entusiasticamente correspondido e com isto se deu tudo por terminado.

Soubemos com grande pena que algumas senhoras, que se demoraram mais alguma coisa nas suas despedidas quando saíram, acharam occupados os seus logares nos carros, talvez por alguns que vieram a pé ou mal acomodados, tendo que voltar aquellas boas senhoras a pé para Villa do Conde.

Deus queira que esta jornada forçada não tenha para ellas trazido outros maus resultados que o cansaço, o frio e a fome porque passaram.

Nem tanto encommodo ellas mereciam.

Dr. J. R. C.

## POESIA

Deus vos trouxe, nós bem vindas  
Vos dizemos n'este dia  
De venturas, d'alegria,  
De delicias, para nós:  
Estes claustros, este templo,  
Este côro e campanarios,  
Corredores solitarios  
Suspiraram bem por vós.

As antigas moradoras  
D'este velho monumento

Foram antes um portento  
De virtudes e poder:  
Consolaram muitos pobres,  
Deram echo n'estes valles,  
Onde ouviram os timbales  
Do guerreiro sem querer.

N'esse templo festejaram  
Nossos triumphos e os mysterios  
Que profundos sempre e serios  
A mais rica vida dão:  
Ellas foram as senhoras  
D'estes valles, d'estes montes,  
D'estes bellos horisontes,  
Que a perder-se longe vão.

Estes claustros repetiam  
Em cadente magisterio  
Os cantares do Psalterio  
Lá dos filhos de Sião:  
Aqui foram esplendentes  
Os exemplos e virtudes,  
Que longiquas latitudes  
Percorriam por então.

Mas intrigas muito adversas,  
De virtudes soberanas,  
As deixaram deshumanas  
Sem futuro n'este chão;  
E morreram, coitadinhas!  
Muito tristes desoladas,  
Estas cellas adoradas  
Vendo em triste solidão.

E, temendo fossem ellas  
Um abrigo de profanos,  
Foram tristes os seus annos  
Derradeiros por aqui;  
Porque todas iam indo  
Para a fossa caminhando,  
E, nenhuma professando,  
O futuro não sorri.

E de quantas a ventura  
Foi truncada no decreto,  
Que lhes veio por um veto  
Da mais santa profissão:  
E lá fóra n'esse mundo  
Debulharam negras penas,  
Figurando n'essas scenas  
Que do mundo são brazão.

Ora agora, Deus benedicto,  
Sois chegadas e bem vindas  
Já vos dizem n'estas lindas  
Moradias de Vairão:  
Quem vos trouxe cá tão longe?  
Não duvido: a Providencia  
Que nos manda da indulgencia  
Esta amostra em alto som.

Uma noite prolongada  
Esta casa deixou fria,  
Mui soturna, mui sombria  
Em medonha solidão:  
Hoje aurora candorosa,  
Aqui vinda lá do oriente  
Em primores esplendente,  
Té illumina já, Vairão.

Vossas velhas moradoras  
Conseguiram que outras flores  
Aqui viessem seus olores  
Ao Deus Vivo consagrar,  
E tiveram n'esta casa  
Bellas almas muito amigas,  
Que outras ondas inimigas  
Não deixaram penetrar.

Ora agora n'esse templo,  
N'esses claustros, n'esse côro  
Ha quem guarde já o decoro,  
Ha quem viva e cante já;  
Hoje mesmo vosso sino,  
Vossas preces, vossos cantos

Darão gosos mil aos santos,  
Grande gloria a Jehövah.

E da gloria ricas graças  
Estes valles, estes montes,  
Estes povos e horisontes  
Venturosos gosarão:  
E as donzellas fervorosas,  
Que pretendam maior gloria,  
Esta casa na memoria  
Já risonhas levarão.

E do cimo d'este oiteiro,  
Muito breve para o Oriente  
Luz, em prendas esplendente,  
Mandaremos sem rival:  
Nossas crenças, nossa lingua,  
Nossos nomes e appellidos,  
Lá nas Indias mui queridos,  
Has-de vel-os, Portugal.

Vairão, 4 de janeiro de 1894.

Dr. José Rodrigues Cosgova.

\* \* \*

*Judeus e anarchistas.*—Drumond conheceu bem os judeus. Com a sua incontestável actividade e elevada pericia vingou desenredar cabalmente a nefanda trama em que elles envolvem o mundo e designadamente a França. A judiaria e a maçonaria são duas irmãs bem dadas, ou antes a maçonaria é nova forma da judiaria para chamar ao mando dos deicidas as demais raças da humanidade e tornal-as assás fortes para a lucta suprema contra a Igreja.

E sendo o anarchismo uma escrescencia natural da maçonaria, não espanta que judeus e anarchistas se deem as mãos.

E' o que se está verificando em França.

Segundo se lê na *Libre Parole*, o barão de Rotschild, rei dos judeus e judeu dos reis, favorece os anarchistas com enormes quantias de dinheiro. Entre as testemunhas accusadoras do celebre archimilionario appareceram varios periodicistas que affirmam haverem recibo de Rotschild as sommas que distribuam aos anarchistas.

O processo Vaillant suggeriu estas famosas revelações, e na audiencia em que foi julgado o dynamitizador dos deputados francezes, foi excluido do jury o barão de Rotschild por convivencia com o réo.

Esta é mais uma licção dos tempos actuaes. Ha no emtanto uma característica notabilissima em todo este desmando social, para que se não vê egual na historia, nem talvez no tempo em que dominavam os césaes romanos—é que todos estes acontecimentos, tam graves e tam repetidos, não conseguem abrir os olhos aos povos, levando-os a procurarem remedio

à grangrena que os aniquilla. As mesmas pessoas honestas, limitam-se a ouvir e a voltarem de novo à sua peculiar indifferença. Ora se reflectirmos no que as más doutrinas, espalhadas no seculo XVII, produziram no XVIII e XIX, quem será capaz de avaliar o que nos espera no seculo XX?

Um cataclismo infando, se nos não vale o Sagrado Coração de Jesus e Maria Immaculada.

*Uma estocada aos inimigos das Ordens Religiosas, etc.*—O governo do Brazil preside a uma republica impia, fundamentada em principios inteiramente oppostos à doutrina da Igreja. Trocou o Evangelho pelo positivismo de Comte, separou a Igreja do Estado, nivelou a Religião verdadeira com o bhoudismo e o fetchismo, em fim paganisou-se às claras com grande escandalo do mundo e grande ruina propria.

Comtudo, como já dissemos em n.º anteriores, as Ordens Religiosas obtem alli umas homenagens desconhecidas em Portugal.

Vá mais um exemplo aos miseraveis de cá, n'este ponto mais impenitentes que os comtistas *di lá*:

O governador do Estado da Parahyba sancionou a lei que concedeu credito de dez contos de reis para auxilio da installação da nova diocese. O governador de Matto Grosso mandou entregar um conto de reis ao sr. bispo para auxilio das obras da igreja de Bom Jesus, de Cuyabá.

O governador do Estado do Amazonas sancionou a lei seguinte:

«Art. 1.º Fica o governador do Estado auctorizado a fundar duas colonias nas immedições da capital, sendo uma de padres da Ordem da Trappa, que mandará contractar na Europa, e outra de agricultores nacionaes e estrangeiros, que mandará egualmente contractar na Europa e em outros Estados da União.»

Eis o que vai pelo Brazil. Em Portugal nem para as colonias querem d'esta gente. E que a hostilizassem os impios, os atheos, intendia-se isso muito bem, mas que a hostilizem ecclesiasticos, e sobre serem ecclesiasticos, co negos...

«Oh! não sei de nojo como o contel!»

Os taes srs. conegos fariam a serio? fariam livremente? ou coagidos por algum poder tenebroso?

Quem nos dêra poder entrar um dia nos recessos d'aquellas sombrias consciencias!

Talvez alli as carnes nos tremessem de susto como na caverna peruviana que Marmontel nos descreve nos seus *Incas*.

Pobres conegos! de braço dado com *leader* Grainha em caminho... do paiz das chimeras!!...

De Shanghai dizem-nos: «Um grande numero de jovens portuguezas abraçaram ha pouco a vida religiosa, tres das quaes tomaram logar no instituto das Religiosas de S. Vicente de Paulo, gerentes do Hospital de Shanghai, comunidade que no Oriente se vai tornando admiravelmente cosmopolita. Que bello protesto não fazem essas jovens com a estúpida e tyrannica legislação que prohibe as Ordens Religiosas em Portugal e suas colonias!»

E' outro lembrete aos taes inimigos...

\* \* \*

O governo francez intenta trucidar o anarchismo a golpes de sabre: repetem-se alli as prisões n'uma effervescencia pasmosa. E' de crer que tanta fadiga não seja coroadada como se deseja. O maior inimigo do governo não é a anarchia, é a logica. Os liberaes do Estado encontram, nos collegas de Vaillant, discipulos aproveitados da doutrina que ensinaram. Quizeram que o povo desconhecesse a Jesus Christo, que benignamente lhe ensinava o mysterio das privações, do trabalho e do soffrimento, eis agora a alluvião incalculavel dos que nada teem pedindo com razão uma parte no gozo, nos prazeres, nas riquezas da terra. Se não ha peccado, como se ensina em philosophia comtista, não ha para que levar-se a vida em expiações, e aquelle poder que as impõe torna-se digno de ser aniquilado. Tal é o *desideratum* dos anarchistas. Os odios populares, sem uma voz que os contenha, fremem em torno dos felizes, ameaçando-lhes a existencia. Escutai os ruidos surdos d'esses imensos vulcões subterraneos, prestes a despedaçarem a fragil crosta que os envolve e a derramarem-se como um diluvio de lavas incandescentes: são as classes pobres, as classes operarias, que, como ellas dizem, nada hão sido até 'qui, e no emtanto são tudo, e tudo pretendem ser d'hoje em diante. *Le Qui-Vive*, jornal de Londres, exhibia ha tempos as seguintes notaveis palavras: «Sabei que só uma idéa tomamos a peito, é a idéa de vingança, e nós a queremos terrivel, exemplar! As vossas cabeças, embora cingidas de cabellos brancos, esmagal-as-emos com a maior calma. As vossas mulheres e as vossas filhas não obterão nem respeito nem compaixão: comnosco caminhará a morte, a morte! até que haja desaparecido a vossa raça de viboras!»

As graves declarações de Vaillant, aneoso de punir os deputados—segundo elle, a causa de todos os males da sociedade, demonstram que a folha

londrina é inspirada pelas mesmas máximas que impulsionaram o braço de Pallas e Vaillant.

Grande parte d'este seculo foi gasta em attentar-se contra os monarchas, vá pois o resto em puir os que não souberam ou não quizeram amparar os monarchas. E' pois a logica a famosa guilhotina que os decapita.

Portugal, como habil imitador, vai encontrando, principalmente nas grandes cidades, os máos effeitos do anarchismo, que não de augmentar dia para dia com a rapidez com que o mal augmenta. Os interros, os baptismos, os casamentos civis, tam repetidos, provenientes d'um materialão qualquer que em nome da liberdade os reclamou nas camaras, e estas votaram com desprezo dos verdadeiros interesses da nação, são já um segundo ou terceiro anno do curso de philosophia descrente, a cujo doutoramento subiram os dynamisadores de Martínez Campos e da camara franceza.

Deram diligente cultura á idéa má. ella nos fará tragar os fructos que produz.

*Hespanha e Marrocos.*—O ministerio Sagasta intenta concluir os negocios de Marrocos, valendo-se de meios pouco em harmonia com os sentimentos d'uma nação catholica. Como edoneo conhecido da corte marroquina, foi indigitado para fazer parte da embaixada hespanhola o sabio franciscano R.º Padre Lerchundi.

Agora mesmo lemos, porém, que o benemerito Padre se não associa á embaixada «por que se tracta d'um acto mui pouco serio, em PUGNA COM A DIGNIDADE E O PRESTIGIO DA PATRIA!»

O povo hespanhol freme de irritação contra um ministerio que não zela a honra da nação; mas o proceder do ministerio devera estar bem previsto pelos seus antecedentes. A má arvoreda sempre máos fructos. Sagasta e collegas eram assás conhecidos, e não ha muito que em assumpto assás grave, na auctorisação de se edificar um templo protestante em Madrid, revelou o desembaraço com que postergou a razão e a fé do povo hespanhol. Quem desacata a Deus, não pode ter serio amor á patria. Sagasta vai pois de harmonia com os seus principios. A má direcção dos negocios de Marrocos promana do maldito liberalismo que governa a nação visinha. A folha d'onde copiamos a noticia não nos poupou com doestos por occasião do *ultimatum*; chega-lhe agora o momento de comprehender que ha tambem telhados de vidro; mas não lhe paguemos na mesma moeda.

A nossa ruina tem a mesma procedencia que a ruina da Hespanha. Não

ha pois que rir; ha, sim, muito que lastimar.

Emquanto fôr vigente um mephistophelico systema que põe á frente d'um povo catholico, *por eleição d'elle mas contra vontade d'elle*, os mais ligadaes inimigos da religião e da patria, nenhuma nação existe que por muito tempo possa subsistir dignamente.

*Festa da Adolescencia.*—Na França accentuam-se de dia para dia duas correntes—uma de regresso aos principios catholicos, outra de *progresso* na impiedade. Os que fecham os olhos á luz do Evangelho e aos esplendores da graça, embrenham-se mais e mais na cerração do erro. Agora é o atheismo em propaganda organizada, mediante os impulsos d'uma sociedade creada *ad hoc*. Entre varias cerimoniaes d'um culto estúpido haverá annualmente uma grande solemnidade, chamada a *festa da adolescencia*.

Vemos que estes doidos tomam a serio as palavras de Ch. de Gagern, proferidas n'uma reunião da Associação dos Franc-Mações germano-americanos, em 28 de junho de 1836: «Estou firmemente convencido, affirmava o miserero energumeno, de que tempo virá e deve vir, em que o atheismo seja a opinião geral da humanidade inteira e esta pensará que o deismo é uma pharse que se esvaiu no passado.»

Com razão pois vemos que a primeira definição do concilio do Vaticano foi dictada contra esta nefasta eschola: «A santa Igreja catholica, apostolica e romana cre e confessa que ha um Deus verdadeiro e vivo, creador e senhor do céo e da terra. Se alguem nega a existencia d'um Deus verdadeiro, creador e senhor das coisas visiveis e invisiveis, seja anathematisado (1).»

Estas palavras infalliveis valem immensamente mais que os sophismas de Büchner, Karl Vogt e Feuerbach.

Um dia virá, sim, em que o atheismo inundará a superficie da terra. Mas esse dia será a vespera do fim: «*Verruntamen Filius Hominis veniens, putas inveniet fidem in terra*» (2).

Embora homens notaveis, como Manning, Rougeyran e Gaume nos annunciem esse dia proximo, esse dia não é ainda. Porém a lembrança d'elle deve tornar bem diligentes na vigilancia, oração e doutrinação aquellas almas generosas para quem não é cousa vã o triumpho do reinado de Jesus Christo.

Aos mentecaptos parizienses e demais collegas do mundo inteiro opponha-se constantemente a diffusão das verdades eternas, unicas a salvar a huma-

nidade do diluvio do paganismo, desde os tempos em que os patriarchas foram os depositarios da lei, até á epocha actual em que é a Igreja a arca sancta de quanto devemos crer.

\* \* \*

*Exemplo admiravel.*—A *Propaganda Católica*, de Palencia, contou nos um factio, unico talvez em nossos dias. «O digno e piedoso Sr. Dom Fulgencio Maria Labermero e sua virtuosa esposa D. Claudia Vizcay, diz a citada Revista, renunciando ás considerações e commodidades que n'este mundo pudera prestar-lhes sua vantajosa posição, entraram na vida religiosa, principiando o marido seu noviciado na casa dos Padres da Companhia de Jesus, em Carrión de los Condes, e a esposa na das Religiosas Salesias, de Victoria.

A resignação admiravel com que não supportado as multiplas afflicções com que Deus os tem provado, serve para explicar esta resolução heroica, difficil de comprehender a quem pondera os factos da vida com espirito mundanal. Aos dois virtuosos conjuges conceda a divina benignidade a graça da perseverança e o galardão reservado aos justos.»

Exemplos d'estes havia-os com frequencia outr'ora, nos seculos gloriosos da Igreja. Os corações encerravam fortaleza para tudo; e deixando louvaveis heróes, citaremos apenas o nosso D. Luiz de Portugal, terceiro Conde de Vimioso, casado com D. Joanna de Mendonça, filha de D. Fernando de Castro, Conde de Basto. Corôa d'um viver de singular virtude, determinaram separação amiga. Depois de contada a casa a seus filhos, (1) e dada providencia para a fundação do Convento do Sacramento em Lisboa, recolhe-se o Conde a S. Domingos de Bemfica, passando mais tarde a S. Paulo de Almada, e vindo a fallecer em Evora, já professo, com tal aproveitamento de sanctidade, que ácerca d'elle se exprime o chronista do seguinte modo: «No tracto de sua pessoa era o mais pobre e mais humilde; na comunidade, affavel e alegre; nos achaques e adversidades, soffrido e constante; nas disposições dos superiores, prompto e obediante; e tam amante da observancia religiosa, que todo era ancias de dilatal-a. Entre estas o apañhou a morte e passou a melhor vida.»

A Condessa, rompendo por meio das opposições de parentes e da côrte, e desviando os olhos das lagrimas dos filhos que tanto lhe queriam, entrou, aos quarenta e tres annos de idade, no mosteiro de que era fundadora,

(1) De fide cath. cap. I. e can. 1.

(2) Luc., XVIII, 8.

(1) Eram tres filhos e duas filhas.

«começando logo a provar a mão nos empregos da humildade, servindo na cosinha e mais officinas com tanto gosto, como se andara merecendo o executal-o por preceito. E não lhe tardou muito: tomou habito em 23 de agosto de 1607. Chamou-se Soror Joanna do Rosario, e começou logo a tractar-se como escrava na mesma casa em que era senhora; mas tam contente e satisfeita, como se começara felizmente a respirar para a eternidade. A Condessa de Vimioso, em religião Soror Joanna do Rosario, após trinta e sete annos de preclaras virtudes foi accommettida de doença que conheceu ser a ultima. Escreveu a parentes e a filhos, implorando suffragios e recommendando indigentes, fez as ultimas despedidas ás Religiosas de que era agora amada prioreza, e, fortalecida com os Sacramentos, em quanto suas filhas espirituas entoavam em redor de seu leito o versiculo *Qui seminant in lacrymis in exultatione metent*, «deu o espirito ao Senhor, passando ao céu a colher a eterna alegria, fructo das lagrimas que semeara na terra.»

Lobos com pelle de cordeiro, os *civilisadores* modernos, involtos na capa da liberdade, derrocaram o convento, para no logar d'elle erigir o theatro, o lupanar, a chafarica.

E o peor é que o povo, o pobre povo, não viu nos inimigos do convento os inimigos da religião. Qual o bom christão que haja sido hostile aos frades e ás freiras? E qual o impio que não seja inimigo das Ordens Religiosas?

Vós que vos honrais de catholicos, observai se os que aggridem as congregações cumprem regularmente os dez mandamentos da lei divina. Examinaí lhes a vida; sondai se são bons filhos, bons irmãos, bons paes, bons maridos, bons cidadãos, bons sacerdotes, por que entre os adversarios das congregações tambem ha sacerdotes. como um houve no gremio dos Apostolos, como os ha nas seitas maçonicas e no mesmo inferno. Vêde se guardam os domingos, são assíduos aos sacramentos, respeitam a honra e a propriedade alheia. Examinaí isso. Que vêdes?

Muita miseria unida á d'um odio satânico contra individuos, cuja presença os sataniza por que obedecem livremente aos conselhos de Christo com mais perficção que os taes acatam os preceitos!

Demais, no seculo actual, em que a cupidez, a sensualidade e o orgulho são tam sem freio que se esmagam os deveres sociaes e domesticos ao peso enorme d'um cruel egoismo, onde, se não é nas Ordens Religiosas, se ha de encontrar exemplo vivo de amor á pobreza, á honestidade á livre obediencia?

Liamos, não ha muito, que a Belgica enumerava 25:000 frades. isto é, 25:000 sabios. Ora se estes 25:000 sabios não encontrassem no curto espaço de sua cella e na parca mesa de seu convento quanto lhes bastava para a sustentação temporal, que enorme somma fóra necessaria para sustental-os no seculo? E produziriam a quinta parte do que produzem assim unidos e obedientes? Quem hostiliza as Ordens Religiosas é grande inimigo da Egreja e réo de grande traição á patria e á humanidade.

A verdade é esta.

Não ignoramos que desagrada a muita gente, mas ha vinte annos desagrada a muita, muitissima mais. E' que sendo verdade, vai pouco e pouco rasgando as trevas do erro, até que chegue o dia em que a vejamos brilhar em pleno esplendor.

Fiquem lá na classe dos adversarios d'estas sanctas instituições os que juraram bandeira no exercito de Satanaz, mas fujam d'ella os que não querem sujeição a esse INIQUISSIMO, empenhado ha sessenta seculos em obsecrar a mente e envenenar o coração do homem.

Os portuguezes bons sejam pelas Ordens Religiosas, asylo dos mais nobres caracteres d'um e outro sexo, que alli se acolhem por ser direito indiscutivel o direito de associação, isto é, a aptidão ou tendencia que o homem tem a associar-se a seus semelhantes para todos os fins racionais.

Janeiro—28.

## Secção administrativa

DO -PROGRESSO CATHOLICO.

### NOSSOS CORRESPONDENTES

Aos já indicados adicionamos os seguintes, aos quaes podem ser feitos os pagamentos. Em

AFRICA OCCIDENTAL—O Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Monsenhor Luiz Maria de Carvalho, Parocho de Nossa Senhora dos Remedios, em LOANDA;

BARCELLOS—Ex.<sup>mo</sup> Sr. Julio Joaquim Barreto, Campo da Feira—Livraria.

3119—Agradecemos as esmolas para a ESCOLA APOSTOLICA d'esta cidade e para o SEMINARIO APOSTOLICO annexo ao collegio do Espirito Sancto, de Braga. Admiravel applicação da caridade de V. Ex.<sup>ma</sup> Póde V. Ex.<sup>ma</sup> afirmar afoutamente, sem receios de errar, que nenhuma instituição ha em Portugal mais agradável a Deus que estas duas, e porisso nenhuma tam merecedora da protecção das almas generosas.

No momento em que intenderem isto aquellas pessoas que podem dispor d'alguns bens, Portugal bem merecerá de Deus e atrahirá seu olhar complacente.

3296—Agradecemos suas palavras amigas bem como o pagamento dos tres ultimos annos. Tomamos nota do que V. Ex.<sup>ma</sup> nos diz, e oxalá uns tantos que ainda não pagaram o anno de 91 imitem o exemplo de V. Ex.<sup>ma</sup>.

S.

Pede-se uma AVE MARIA por uma necessidade.

## ANNUNCIOS

### A PERFDIA DO DEMAGOGO

(SCENAS DA PRIMEIRA REVOLUÇÃO FRANCEZA)

Um formoso volume de 300 paginas

Em brochura..... 300 reis  
Encadernado..... 400 »

D.

## O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 18000 reis—Estados da India, China, e America, 18280 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

**As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou melo anno.**

Tudo o que se refere á redacção, incluindo troca de jornaes, seja enviado a Manuel Maria Fructuoso—Rua da Alegria, 6—GUIMARÃES

Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua de Gil Vicente, 64—GUIMARÃES.